

Refere-se ao Art. de mesmo nome, IV(1), 48-59, 1994

OPINIÃO / ATUALIZAÇÃO
OPINION / CURRENT COMMENTS

PROCESSO DE ABORDAGEM DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES “DE E NA” RUA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS*

THE PROCESS OF APPROACHING CHILDREN AND ADOLESCENTS “FROM AND ON” THE STREETS: CHALLENGES AND PERSPECTIVE

*Maria Stela Santos Graciani*¹

GRACIANI, M. S. S. Processo de Abordagem das Crianças e Adolescentes “de e na” Rua: Desafios e Perspectivas. Rev. Bras. Cresc. Des. Num., São Paulo, IV (1), 1994.

Resumo: O trabalho apresenta uma reflexão sobre a abordagem pedagógica utilizada em processos educativos junto às crianças e adolescentes “de e na” rua. Este trabalho foi desenvolvido por professores e universitários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, buscando através de princípios pedagógicos pré-determinados, elaborar uma forma de contato com essas crianças e adolescentes.

Considerando estes princípios, foram criados passos metodológicos e novas estratégias para a prática educativa dos educadores. Foram detectados, a partir da prática social da Educação Popular, os principais aspectos do ato educativo junto às crianças e adolescentes de rua, dentre eles, o processo de comunicação como condição primeira de abordagem. Através da análise dos códigos de comunicação busca construir um processo interativo com essas crianças.

Palavras-chave: crianças e adolescentes “de e na” rua, prática educativa, comunicação, educadores de rua.

Summary: This paper presents a reflection on the pedagogical approach used in educational processes with children and adolescents “from and on” the streets. This work was developed by professors and college students from Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), and it intended to elaborate a way of communicating with these children and adolescents, through predetermined pedagogical principles.

Considering these principles, methodological steps and new strategies for the educational practice of the educators were created. It was possible to detect, from the social practice of Popular Education, the main aspects of this educational act. One of the aspects is that the communication process is the first condition to approach these children and adolescents. Through the analysis of communication codes, this approach searches to build an interactive process with these children.

Key-words: children and adolescents “from and on” the streets, educational practice, communication, street educators.

* Texto escrito para o I Seminário de Educação de Rua - Porto Alegre - RS - de 29 a 30 de abril de 1993.

¹ Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Mestre em Ciências Sociais e doutoranda em Educação, Vice-Diretora Geral do Centro de Educação - Trabalha há 17 anos com meninos e meninas de rua. End.: Rua Bela Cintra, 1332 apto. 21, São Paulo - SP, CEP 01415-001, Fone (011) 881.0953.

INTRODUÇÃO

Frente a drástica situação da criança brasileira e em particular as de rua, um grupo de universitários e professores do Centro de Educação da Pontifícia Universidade Católica - SP, resolveu após exaustiva discussão e análise da literatura, partir para a rua da cidade de São Paulo, objetivando uma prática educativa junto a esse contingente. O referido estudo realizou-se no final da década de 70, quando a realidade ainda não se constituía um drama e uma trama social tão dantesca.

Os desafios que o grupo enfrentou delineavam-se por naturezas diferentes. De um lado, ainda dentro dos muros da Universidade, não conseguia encontrar aportes, modelos e paradigmas pedagógicos-sociais e políticos, que dessem conta de tão complexa realidade. Foram feitos contatos e intercâmbios com experiências já em curso, como a da Colômbia, junto a "Los Gamines", desenvolvida pelo Padre Ravier, vendo seus vídeos e discutindo os princípios norteadores de sua prática educativa, para elucidar quais as pistas de tal proposta.

Naquela época o processo de pesquisa universitária se contorcia com a discussão do processo de pesquisa acadêmica e pesquisa participante e todas as suas contradições. Contudo, resolveu-se partir para a rua - como espaço público - com o aparato vivencial de cada componente do grupo, com sua bagagem teórico-prática dependendo da área de conhecimento a que estava inserido. A equipe era interdisciplinar - com as discussões e análises acumuladas e, principalmente, com o compromisso de se engajar nessa realidade e, se possível, contribuir para a sua reversão, mesmo sem contar com nenhuma estrutura institucional que lhe desse respaldo. De outro lado, a tarefa que nos propúnhamos era árdua e difícil, mas o sonho e a utopia faziam parte integrante dessa arrojada, porém modesta experiência educativa.

Partimos para a rua - Praça da Sé - em dupla, que até os dias de hoje constitui-se princípio entre os educadores de rua. O fato de estarmos em dupla diminuiu a insegurança e o medo que tínhamos deste impacto inicial (enfrentamento) com as crianças e adolescentes de rua.

Foram muito interessantes estas primeiras investidas, porque nós, os observadores, passamos a ser observados pelas crianças, sem o saber e num dado momento, fomos arguidos pelos garotos, principalmente o "Careca", que nos fez várias perguntas:

- Vocês são da FEBEM? ou são do Juizado de Menores?

- Comissários? ou são da polícia à paisana?

- "Estamos observando vocês há vários dias, vá mos vocês nas escadarias da Catedral da Sé, depois pert do "Marco Zero" andando para cá e para lá".

Francamente, naquele momento, entramos em "pasma pedagógico"², não só pelo questionamento, má principalmente pela inversão dos papéis ali ocorrida e dá perceber a clareza e objetividade com que eles domina vam o espaço contraditório e complexo aonde viviam em suas relações e interações, além de conhecerem o transeuntes fixos e móveis que nela estavam diariamente. Apesar da surpresa, anunciamos que ali estávamos para conhecer a dinâmica e a situação da criança de rua e tudo aquilo que fizesse parte de sua vida, de sua história, dá sua origem, de seus sonhos, etc..

Neste momento singular e único, o "Careca" levantou-se e gritou para todos os meninos(as) que nós tínhamos vindo para conhecê-los, e foi assim que os primeiros laços de amizade e comunicação surgiram entre nós. Começamos a ser uma referência diferente das de mais da Praça da Sé, que não se identificava com a figura do transeunte arrogante, com a do policial violento, a dá traí ^lcante explorador, a do intermediário aproveitador. O de qualquer figura que ali permanece durante anos, come a dos mendigos-serebos, vendedores ambulantes ou mesmo a dos artistas, ou dos pregadores religiosos, etc..

Estava selado o primeiro compromisso de fazermos daquela Praça, um espaço de prática educativa, que até hoje se constitui num ambiente alternativo e alterativo dá educação para várias gerações de educadores de rua advindos de inúmeras entidades sociais que efetivam trabalhos nestalocalidade (Pastoral do Menor, Movimento Nacional dos Meninos(as) de Rua, Secretaria de Menor, etc.).

Vale ressaltar ainda que sempre estivemos juntos com outros movimentos ligados à defesa dos direitos da criança e do adolescente da cidade. Nunca fizemos trabalhos isolados, enquanto Universidade, e sempre acompanhamos a construção pedagógica da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, não só nos encontramos, como na prática diária e cotidiana.

O PROCESSO DE ABORDAGEM DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE "DE E NA " RUA

Retiramos da prática vivida e engajada junto a estas crianças e adolescentes, princípios pedagógicos, que hoje acreditamos serem uma das vias de acesso para abordar a criança de rua. Estes princípios foram se constituindo

2 *Pasma pedagógico* - expressão utilizada pelos Educadores de Rua, quando ocorrem situações inusitadas, na prática educativa.

ao longo do processo educativo que desencadeamos junto com os sujeitos da ação. Hoje, estes princípios concretizam-se a partir da concepção educativa, advinda da pedagogia do oprimidos, como um capítulo que detalha e operacionaliza esta nova modalidade surgida, a partir da necessidade sentida de muitos educadores de rua, de todo o Brasil.

Os princípios básicos de tal concepção configuram-se em:

- possuir uma visão crítica e consdente das causas geradoras do processo de exclusão das crianças e adolescentes: da pauperização, da marginalização e da injustiça social;
- desenvolver ações conjuntas com a participação de todos os envolvidos no processo educativo, quebrando as relações de poder hierárquico entre educador/educando;
- propor uma ação organizada e organica entre poder governamental e organizações não governamentais, buscando nas forças comunitárias populares o apoio e o incremento da ação educativa;
- valorizar e democratizar a cultura e socializar o saber popular, discutindo e sistematizando-o a partir das formas de expressão e comunicação das camadas populares;
- acreditar que a construção do conhecimento gostado e elaborado pelo conjunto de participantes não somente é um processo de aprendizagem para o educando e educador, mas também da sociedade;
- revigorar o estado de animo dos educadores, implementando suas condições obietivas de vida e de trabalho, realimentando sua competência técnica e política através dos avanços significativos do conhecimento, não só na área de educação, como em áreas afins, restaurando a qualidade do ensino e consequentemente da aprendizagem. Formação e capacitação permanente através de processos de ação/reflexão/ação crítica do processo educativo.

Frente a estes princípios básicos, criamos e descobnmos alguns passas metodológicos e novas estratégias para efcctivação de nossa prática educativa, no que se refere à postura do educador:

- o educador de rua precisa de “territorializar-se” e partir para o encontro com os educandos e com eles elaborar o novo projeto educativo da cotidianidade da aprendizagem, onde ambos são protagonistas e alores sociais fundamentais;

- o educador antes de falar precisa “ouvir” e ouvir transcende à fala; captar o mundo simbólica (signos, códigos), gestual (comunicação não verbal) e mágicolúdico do mundo infantojuvenil; ouvir o “semblante”, os sentimentos de nossas crianças sofridas e violentadas, é um ato de profunda ternura e vigor pedagógico; - o educador de rua precisa ter “consciência” do momento de cada criança e de cada adolescente que vive o mistério e a plenitude de seus dramas e sonhos introspectivos e a cadenciado energia dinamica implídtá na sua corporeidade, e saber respeitar o momento de sua individualidade metamorfoseada florescente;
- jamais os educadores de rua poderão romper o “espaço vital” de seus educandos, violentar sua privacidade, seus momentos únicos e singulares; a “paciência histórica” do educador favorecer-lhe-á o momento oportuno do “estalo pedagógico” e as condições férteis da aprendizagem irão paulatinamente se constituindo;^{3A,3B}
- a identificação por parte do educador do que o educando “sabe” (a partir de sua experiência vivida) implementará sua prática educativa no que se refere à ampliação e sistematização do conhecimento universal;
- a base da interação pedagógica entre educador/educando é a relação dialógica; o direito de falar e escutar é que circunstância a reciprocidade, relação e relacionamento entre ambos, num processo de comunicação.

Muitas são as dimensões e vertentes do fazer educativo que atendem às necessidades básicas da aprendizagem, no entanto, as que privilegiam a vida, o ser humano como sujeito de sua própria história, a construção do conhecimento e da história social de sua comunidade e da sociedade como totalidade, são as que provavelmente contribuirão para uma prática educativa emancipadora e libertadora de nosso povo, excluído de todos os direitos como cidadão.

A COMUNICAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE RUA

Partindo pois, dos princípios e pressupostos pedagógicos e metodológicos mais amplos, fomos detectando a partir da prática social da Educação Popular proposta, os principais aspectos do ato educativo junto às crianças e adolescentes de rua; dentre eles o processo de comunicação, como condição primeira de abordagem.

3 *Pedagogia do Oprimido* - proposta escrita por Paulo Freira a partir de sua prática educativa libertadora.

3A *Paciência Histórica* - atitude do educador de respeito ao seu próprio processo de construção do conhecimento.

3B *Estalo Pedagógico* - momento específico vivido pelo educador que descobre que descobriu, aprendeu algo.

Entendendo a comunicação⁴ como processo de criar e compartilhar significados através da transmissão e troca de signos⁵ entre os diferentes agentes do processo educativo, tivemos que vivenciar um verdadeiro procedimento arqueológico para compreender a linguagem dos meninos(as) de rua.

Entendemos a linguagem de forma ampla para designar um sistema de códigos⁶ com os quais, segundo determinadas convenções, se organizam em signos para que tenham um significado. A linguagem é a base de todo o processo de organização da comunicação humana.

Convivendo com as crianças e adolescentes de rua, tivemos que compulsoriamente aprender a linguagem cifrada dos mesmos, decodificando todo seu significado e a compreendemos como parte da resistência deste grupo para sobreviver e subsistir das agruras postas e impostas pela rua.

Eles inventaram um novo código, através de giria, gestos e signos, que somente convivendo com eles pudemos usufruir após longo processo de aprendizagem, permitido pela confiabilidade e credibilidade conquistada pelos educadores de rua, no interminável processo de educação desenvolvido. Para conquista deste espaço, não só foi necessário passarmos por vários tipos de testes, como também, configurarmos uma aliança concreta, além de um “pacto de honra” definido em conjunto com as crianças e adolescentes de rua.

Tanto as alianças, quanto o pacto de honra foram pré-fixados de maneira ideológica-política e configuram-se a par ir do cerne do conflito social, que respondiam às questões: de que lado e a favor de quem? a partir de que interesses de classe se definem as relações sociais entre os grupos (educadores/educandos)? E na prática tais conflitos são visualizados, quando do embate e do enfrentamento na correlação de forças com o aparelho repressivo do Estado, com entidades para-militares, com a exclusão dos direitos fundamentais básicos (saúde, trabalho, educação, etc.) ou mesmo com grupos informais que tentam a exploração, opressão, discriminação ou expropriação da cidadania das crianças e adolescentes de rua.

1. A comunicação verbal

As crianças e os adolescentes “de e na” rua sempre se agrupam, como forma de defesa e inter-relação pessoal, nos logradouros públicos. Eles não só se comunicam consigo mesmos (auto-

comunicação), como com as outras pessoas, seja em relação de trabalho (guardadores de carro, limpadores de para-brisa ou vendedores ambulantes) ou em situação de conflito, como no caso de situações de risco (assaltos, violência, maus tratos e vitimizadas, etc.). Este conhecimento é utilizado para expor e interpretar o processo de comunicação na vida diária.

Não nascemos com a arte de nos comunicar; há necessidade de aprendermos a nos comunicar. Toda comunicação envolve a criação e a troca de significados que são representados através de signos e códigos, como já mencionamos anteriormente.

As formas de comunicação das crianças e adolescentes “de e na” rua, são sistemas próprios para transmitir mensagens: a fala, através da giria, os signos escamoteados que significam sinais que têm sentido apenas para o grupo; comunicação não verbal (gostos, expressões faciais, olhares, maneiras de vestir, sentar, trejeitos próprios do grupo, etc.). Algumas formas de comunicação estão contidas em si mesmas.

Certos elementos, como as palavras - principalmente as de giria - são necessariamente transitórias, até porque fazem parte da resistência Ática do grupo. Desaparecem quando são pronunciadas e quando não há gravação do que foi dito, num dado local e tempo em que foi pronunciada. A transmissão desta linguagem cifrada é coloquial e cotidiana passando de um grupo a outro de maneira verbal-oral.

Todas estas formas de comunicação ampliam o poder de nossos sentidos, na medida em que passam através de nós, especialmente aquilo que se vê e se ouve.

Nas experiências diárias vividas na rua, verificamos que a comunicação estabelece determinadas conexões. As conexões são feitas entre uma pessoa e outra ou entre um grupo e outro grupo. O que escoia através dessas conexões são idéias, valores, crenças, opiniões, sentimentos e elementos de informação que constituem o material e o conteúdo da comunicação.

A comunicação é uma das principais actividades do processo educativo vivido com as crianças “de e na” rua, pelos educadores de rua. É algo que fazemos, algo que construímos, algo que produzimos e ainda algo que trabalhamos quando recebemos ou transmitimos uma mensagem. Por isto, inclui o falar e o ouvir, um ato em ação.

Quando estamos falando com alguém, estamos ativamente engajados em perceber o sentido

4 Entendemos comunicação como: tornar comum uma mensagem, um sentimento, um pensamento.

5 Entendemos signo como: uma simples unidade de comunicação que contém um ou vários significados.

6 Entendemos código como: um sistema de signos regidos por determinadas convenções.

do que a outra pessoa está dizendo, através de suas palavras e gostos, muito mais do que aquilo que estamos dizendo, enquanto significado.

A comunicação como processo é observada na conversação e na troca de palavras, que exprimem ideias, falos ou opiniões, que no caso dos meninos (as) “de e na” rua se constituem em lamentos relacionados à dura experiência de viver na rua: à desagregação da família, à violência, à revolta contra os bens de consumo negados, à sua afetividade. As interlocuções têm, pois, o caráter de prevenir, aconselhar, informar ou divertir, na maioria das vezes.

Neste aspecto, temos ao longo do processo educativo observado os procedimentos e as maneiras com que se desenvolvem as atividades junto às crianças e adolescentes. Usamos a fotografia, não só para guardar na memória os momentos significativos do processo, bem como, fazer desta um instrumento pedagógico capaz de ser visto, observado e percebido: como sou, como fui e como poderei ser. Este aspecto foi-nos ensinado pelas próprias crianças e adolescentes de rua, que por seus comentários e visualização das situações fotografadas, filmadas ou vídeo-filmadas nos alertaram para a importância da comunicação visual.

A fotografia, o filme e o vídeo são instrumentos valiosíssimos para avançar o processo educativo com estas crianças e adolescentes, pois projetam, de maneira longitudinal, a visão sincrônica e diacrônica de sua existência familiar, institucional e, principalmente, a cotidianidade existencial da rua, favorecendo desta forma, a releitura, a redimensão e a renovação das metodologias de trabalho. Além disto, propicia também, um aprofundamento do conhecimento de cada um, do grupo e de suas múltiplas relações com o outro, com a comunidade de origem, bem como, com a sociedade mais ampla.

Por este motivo, a fotografia passou a fazer parte de nosso projeto pedagógico-político, possibilitando angariar outros liames e matizes educativos, bem como a realidade existencial da criança e do adolescente. Através desta técnica captamos mensagens que nos permitiram compartilhar pensamentos, sentimentos, opiniões, informações e experiências com eles, baseados nas necessidades pessoais e sociais de cada grupo com que mantinhamos contato sistemático.

Estes falas e acontecimentos diários agudizaram nossa percepção sobre as mensagens (verbais ou não verbais), na medida em que algumas delas eram claras e óbvias, outras obscuras, subliminares ou ocultas, trazendo em seu bojo uma

complexidade de informações contidas, que nem sempre conseguíamos decifrar (decodificar) o código utilizado, na medida em que não dominávamos por completo as regras e convenções trocadas e compartilhadas por aqueles que se utilizavam desse código. Além do que a codificação e a decodificação são concomitantes, quando na conversação.

As crianças e adolescentes utilizam-se de modelos de comunicação contextualizados, na medida em que somam as inter-relações de toda situação ou ambiente do ato da comunicação vivenciadas na rua. Os canais podem ser verbais ou não verbais, por exemplo, uma expressão aborrecida no rosto ou um movimento com as mãos ou pés, podem demonstrar uma atitude de quem está pronto para sair.

Um dia estávamos sentados em roda, na Praça da Sé, discutindo a organização de um passeio, quando em menos de três segundos o grupo esfacelou-se, evaporouse, correndo para todos os lados. Ainda perplexa com o ocorrido e sem saber ao certo o que estava acontecendo, apanhei todas as coisas que estavam pelo chão e também corri em direção ao “mocó”⁷, porque sabia que ali os encontraria novamente. Neste ínterim, o policial que fazia parte da cena e do cenário vivido, suspendeu o cassetete e deixou cair sua mão pesada em minhas costas, num gesto violento e arrebatador.

Quando cheguei no mocó, os meninos estavam revoltados porque eu havia apanhado da polícia, sem saber o porquê. Foi neste momento, que o “Espurgo” fez uma longa e elucidativa explicação sobre a situação ocorrida e comentou sobre a minha inexperiência para viver na rua.

Dentre seus brilhantes comentários, mencionou que um gesto com as mãos no peito, roçando a camisa, significava que a situação estava suja e que eles deveriam imediatamente desocupar a praça e se possível o mais rápido que pudessem, sem mesmo dar o aviso de que algo estava acontecendo. Disse-me:

- “é preciso aprender o jeito que falamos, para você poder conviver conosco; estes sinais são importantes no momento de combate” “...você tem outros problemas; além de não conhecer como falamos, não sabe correr na rua e, também, não sabe tomar cassetada da polícia, é preciso aprender”.

Fiquei muito interessada em conhecer os gostos que têm significado para as crianças e adolescentes de rua; quis saber como se corria e se aprendia a apanhar. E “Espurgo” continuou sua magistral aula sobre a comunicação e a linguagem de rua:

7 *Mocó* - termo utilizado pelas crianças de rua que significa esconderijo.

- “Na rua não se pode correr em linha reta, há que se fazer “zig-zag”, porque o tiro é que vem na reta. Para apanhar você precisa fazer “trejeitos de malandro”, só assim o cassete do “gambé”⁸ não marca suas costas”.

Após aquele fatídico dia, além de fazer o exame de corpo de delito, no Instituto Médico Legal, e levar o boletim de ocorrência para o Distrito Policial, concluímos que havia muita coisa a aprender e apreender com as crianças de rua, para realmente efetivar uma prática educativa competente e consistente com aquele grupo.

2. A comunicação não verbal

Como tivemos oportunidade de vivenciar, as crianças e adolescentes “de e na” rua, além da comunicação verbal, utilizam vários signos não verbais quando estão junto com os outros, principalmente como uma das formas de resistir ao embate com as situações violentas impostas pela rua. Estes signos não são palavras, mas são usados como palavras; são sinais que produzem, gostos que fazem para comunicar-se. São várias as formas utilizadas; com as mãos, cabeça, face, boca, enfim, com todo o corpo. Estes, podem ser classificados em três categorias: linguagem do corpo, paralinguagem e maneira de se vestir (roupas).

2.1. a linguagem do corpo

Esta forma de linguagem utilizada pelas crianças e adolescentes “de e na” rua, refere-se aos sentimentos, às atitudes e as intenções do grupo e/ou mensagens individuais. Como atares sociais, eles a utilizam para convencer a audiência do que estão representando naquele momento. Uma vez que os educadores de rua precisam criar vínculos profundos com as crianças e adolescentes, utilizam-se de signos não verbais, que demonstram amavelmente a amizade que os unem, e muitas dessas manifestações são feitas através da linguagem corporal. Os seus significados variam conforme as circunstâncias e são de vários tipos: gesto, expressão, postura do corpo, espaço, proximidade do corpo, toque, etc.

O gesto: é a maneira ou forma como eles utilizam seus braços, pés e mãos. Existem infinitos gostos usados pelas crianças e adolescentes

para expressarem ideias, pensamentos, emoções que se Aduzem em chamar a atenção, processos de fuga, depressão, processos de auto confiança, auto-imagem, auto estima e valorização. Como a linguagem completa constituída de gostos para surdos-mudos, as crianças de rua também criaram e inven~a~m gostas para as várias situações convencionais que vivem na rua

Expressão: outro tipo de linguagem corporal que, através da face, da expressão do rosto e do olhar, as crianças se comunicam entre si e com os outros. Há várias sutilezas num sorriso, num olhar brilhante ou numa cara de espanto, que materializam a necessidade sentida pelos grupos de rua. A expressão se configura, portanto, como relação social, quando estamos codificando ou decodificando signos corporais.

Estas ações e reações expressivas dão a conotação e ou denotação do avanço ou do recuo em certas circunstâncias e o educador precisa estar “atinado”⁹, como diz o caboclo, para definir sua postura diante de situações inusitadas e não previstas no ato educativo que desenvolvem.

Postura do corpo: é entendida como a maneira de se moverem no espaço e de permanecerem na rua em “bandos”, na medida em que nunca andam sozinhos, a não ser quando estão entrando na rua pela primeira vez. Normalmente levam seus pertences no bolso ou dentro do sapato; enrolam-se em cobertores ou dentro da própria camisa que serve de abrigo, mantendo as pernas cruzadas para dentro. Normalmente estão sentadas letargicamente; movem-se pelos bancos, muretas, escadarias ou sarjetas recobertas de papelão, pano ou jornal envelhecidos e dormem na rua. A maioria fuma desde tenra idade ou drogama-se com: cola de sapateiro, “loló”¹⁰, maconha ou cocaína (quando os traficantes os utilizam como “aviõezinhos” na entrega ou recepção de drogas mais pesadas de comerciantes de droga ou mesmo consumidores).

O espaço e a proximidade do corpo: é constituído do espaço em torno de si e do próprio limite imaginário do grupo. A cidade está mapeada por espaços imaginários, cujos “donos” se apossam, alugam ou sub-alugam para viver. Este espaço é delimitado por uma linha imaginária, que só é conhecida por quem na rua permanece continuamente. Existem conflitos intergrupais, quando há violação dos mesmos. Neste momento, coloca-se para o educador de rua, um grande desafio: primeiro

8 *Gambé* - nome dado aos guardas e policiais presentes na rua.

9 *Atinado* aqui é entendido como aquele que vê, percebe e ouve, não só a aparência dos fatos e acontecimentos, mas está aberto para compreender a essência dos mesmos em sua totalidade.

10 *Loló* - composição química de várias drogas misturadas com éter e perfume, que é inspirada pelas crianças de rua.

para identificar os diferentes limites da linha imaginária grupal e em segundo lugar, definir o modo, a maneira e o procedimento mais estratégico para ultrapassar o mito do “espaço vital” de cada criança ou adolescente. Temos notado que estas linhas são mais rígidas e coisificadas, quanto maior a violência sofrida pela criança ou adolescente durante sua permanência no seio de sua família ou em instituições totais (Febem, internatos, asilos) ou mesmo na rua, dado o nível de rejeição ou aceitação grupal.

A relação menino/menina nesta questão é fundamental, dada a proximidade dos corpos, destacando-se os aspectos afetividade e sexualidade. A maioria das meninas de rua são violentadas, estupradas, numa primeira instância pelo padrasto, depois pelos próprios meninos do grupo e, principalmente, por elementos da polícia.

O grau de intimidade é medido pelos laços de amizade grupal, no entanto, as características machistas do grupo, fazem com que a menina esteja sempre em situação de submissão, principalmente em relação ao “líder” do grupo, que as tomam como mulheres de maneira compulsório, causando uma familiaridade embaraçosa para as mesmas.

No entanto, apesar das contradições postas, o grupo de crianças e adolescentes de rua é alegre, solidário e fraterno. O processo de entajuda coloca-se incommensuravelmente em suas relações. O lúdico é a característica fundamental na existência dos grupos de rua. Quando trabalham, brincam e quando brincam, trabalham - são os dados culturais básicos impregnados por suas raízes sociais e pela sua situação peculiar de ser criança e adolescente.

O toque: outro tipo de linguagem usual das crianças de rua, que se relacionam sistematicamente em situações de docilidade ou agressividade, na mesma proporção. O afago, inexistente em suas vidas, faz com que seus carinhos sejam controvertidos e feitos através de solavancos, empurrões e esbarrões, mas sempre com significado de relação, reciprocidade ou interação. Nós, educadores de rua, somos intermitentemente tocados pelas crianças de rua e este comportamento normalmente tem um significado de abertura e aproximação nas relações, na medida em que ajuda na convivência e fortalece os vínculos de amizade.

2.2. paralinguagem

A paralinguagem trata da interpretação do significado das palavras durante uma conversação. Descreve signos não verbais que acompanham nossa fala.

Há signos que estão separados por palavras, há reações e emoções às vezes imediatas. As crianças de rua, por exemplo, comunicam-se assobiando e estes toques mais longos ou curtos têm tido um significado para o grupo. Há signos com determinado grau, força ou volume. A tonalidade da voz, o ritmo em que são pronunciadas certas palavras, nos induzem a entender seu significado. Há indícios que nos levam a deduzir que uma criança de rua está com raiva, quando começa a falar ruidosamente, aos gritos. Quando afirmamos que uma criança de rua é calma, excitada, agressiva ou nervosa é porque a pronúncia de suas palavras nos diz isso. Estes e outros aspectos favorecem nosso discernimento para trabalhar com as crianças e adolescentes de rua; daí a necessidade do educador de rua ser um observador, um percebedor arguto e perspicaz, no ala educativo.

2.3. roupas

O terceiro ponto da comunicação não verbal diz respeito à forma de se vestir (roupas, jóias, pintura, etc.); tudo isso é algo que se revela muito sobre a personalidade, situação, posição no grupo e trabalho das pessoas. As crianças e adolescentes de rua são facilmente identificadas pelo modo como se vestem. As vestes assinalam, também, a identidade das pessoas e de certos grupos, como este que trabalhamos, por exemplo.

É muito interessante um aspecto das vestes das meninas de rua. Para fugir da situação de discriminação e opressão da rua, as meninas se vestem como meninos (de calção, camiseta larga e sandália havaiana) e cortam o cabelo bem rente, para serem identificadas como meninos do grupo. Sem ser o único fator, este é um que propicia condições para as meninas se tornarem lésbicas conjunturais e não assumirem sua sexualidade feminina! por medo, insegurança e pausa nas relações sexuais serem grotescas e violentas.

Finalmente, a comunicação não verbal utilizada como linguagem pelas crianças e adolescentes de rua, também é controlada por convenções (regras), na medida em que aí rivais de comportamento são comuns nestes grupos; são inseridos hábitos diários intencionais e estes são assimilados inconscientemente por estas crianças e adolescentes. Caracteriza-se, pois, como um estilo de vida próprio do grupo.

A comunicação não verbal ajuda a construir e manter relações que dizem respeito às atitudes e hábitos de um grupo, sua relação com outros influenciando a natureza de nossas relações.

3. A comunicação como estratégia de sobrevivência

Tanto a comunicação verbal quanto a comunicação não verbal são usadas como estratégias¹¹ de resistência, configurando-se em um sistema Ático de sobreviver e subsistir na rua, como é o caso dos apelidos. Todas as crianças e adolescentes de rua têm um apelido, definido a partir de características físicas pessoais ou caracteres próprios da identidade, que facilitam o processo de interação no grupo e servem de dissimulados em relação aos grupos de embate, principalmente a polícia.

A forma como se apresentam em diferentes situações e diferentes instantes, depende do momento em que se dão essas representações, no palco da vida, e estas são determinadas pelas relações sociais que mantêm com os outros, de acordo com as necessidades.

A auto-imagem é aquilo que pensamos que somos, ela inclui uma noção do próprio corpo e também de nossa personalidade sendo desenvolvida através de nossas relações com os outros. As atitudes dos outros a nosso respeito afetam nossa auto-imagem. No caso específico que estamos analisando, a auto-imagem das crianças e adolescentes tem sido pouco ou nada desenvolvida, na medida em que, suas trajetórias sofrem impactos violentos desde a hora do nascimento. Desta forma, sua auto-imagem constrói-se e destrói-se num processo sincrônico permanente e contínuo e este conflito pessoal projeta-se na auto-imagem do próprio grupo em que participa, como um quebra-cabeça liga-se e desliga-se simultaneamente, não mantendo a sua totalidade, pela tensão constante que a grupalização tem entre si e com os outros.

Sempre estará em jogo a correlação de forças: como o grupo acredita que é, como gostaria de ser e como acredita que os outros o vêem. Esta percepção individual ou grupal está sempre ligada à imagem social descrita, projetada pela comunicação, no seu sentido mais amplo. A média, por exemplo, vem reforçando a imagem das crianças e adolescentes de rua, como: marginais, malfeitores e desclassificados. Isto interfere profundamente no modo como se vêem e como a sociedade os considera. As informações limitadas emitidas sobre esta realidade nem sempre são dignas de crédito, na medida em que fatos e/ou acontecimentos específicos são generalizados pela comunicação de massa.

Neste caso, as crianças e adolescentes são rotulados e estigmatizados por estas ideias e pensa-

mentos emitidos pelas mensagens dos meios de comunicação, criando estereótipos, através de sinais adotados para identificá-los de maneira simplista, mistificada e equivocada, que se baseiam em aparências do estilo de vida adotado por elas. Raramente mostra-se, nos meios comunicação, as verdadeiras contradições vividas pelas crianças e adolescentes de rua - enquanto auto imagem e imagem em relação ao grupo - em toda sua plenitude e totalidade.

ALGUMAS CONCLUSÕES EM RELAÇÃO AO PROCESSO EDUCATIVO

Como percebemos, a ação educativa desenvolvida pelos educadores de rua, requer um manancial abrangente¹² de observações, percepções, tipos de aprendizagens diferenciadas - não só individuais como coletivas, sob comunicação verbal e não verbal - para desencadear processo de abordagem das crianças e adolescentes de rua.

Faz-se necessário um registro permanente dos de saídos do sistema relacionar e interacionista do grupo através do processo de construção de conhecimento que se dará ao longo da prática social desenvolvida. O estudo e a pesquisa ocupam espaço significativo, para captação de falas e acontecimentos culturais, ideológicos, social e econômicos, num determinado espaço, onde ocorreu a comunicação social dos vários grupos de crianças e adolescentes "de e na" rua, considerado como ala educativa e político, na medida em que se insere no cerne do conflito social (anexo 1).

Acreditamos ser o processo educativo inserido na formação de todas as crianças e adolescentes, considera das em "situação peculiar de desenvolvimento integral"¹². Acreditamos ainda que todas as dimensões percebidas e observadas durante nosso trabalho, podem e devem servir de base, para o relacionamento e interação das crianças com suas famílias, que na maioria das vezes estão em processo de desagregação, e mesmo exclusão de seus filhos, independente de classe social, por falta de comunicação e principalmente compreensão profunda e matizada por detalhes importantíssimos da relação diagonal, entre ambos.

O debate está aberto, e suas possibilidades são infinitas e complexas para análise e interpretação de todos aqueles que, de uma maneira ou outra, assumiram na vida, o papel de educadores de seres humanos em desenvolvimento, crescimento e maturação. Este é o desafio, que nos compromete a discutir, refletir e lançar perspectivas para um

11 A estratégia é, também, uma peça de comunicação, que diz respeito ao comportamento ou à interação. Ela implica o uso deliberado de signos verbais ou não verbais para alcançar o propósito desejado na comunicação.

12 Situação peculiar de desenvolvimento integral: termo usado pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

porvir mais justo e engajado nas relações humanas e sociais que travamos no dia a dia, de nossa existência.

RICHARD, D.; BURION, G. *Mais do que palavras*. Ed. Sumrnus, São Paulo, 1990.

MELO, J. M. *Comunicação: teoria e política*. Ed. Sumrnus, São Paulo, 1993.

BIBLIOGRAFIA

MODESTO, L. *Olhos de enxergar*. Thot Editoração Eletrônica, Rio de Janeiro, 1993.

recebido em: 12/04/94

aprovado em: 07/09/94

ANEXO 1

